

Correr o risco da aventura dialógica: as possibilidades da leitura crítica de Paulo Freire nas relações entre pesquisa, extensão e pós-graduação

*Taking the risk of dialogical adventure: the possibilities of
critical reading of Paulo Freire in the relationship between
research, extension and postgraduate studies*

Lais S. Fraga

Universidade Estadual de Campinas,

Campinas, SP, Brasil

laissf@unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0002-2315-389X>

RESUMO: Este ensaio propõe uma reflexão sobre a disciplina “Tópicos especiais em metodologia: extensão, pesquisa e pós-graduação” ministrada nos programas de pós-graduação em Divulgação Científica e Cultural e Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, ambos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A criação da disciplina, que conta com três oferecimentos, resultou do esforço em fomentar as ações e reflexões extensionistas na pós-graduação no contexto da obrigatoriedade da inserção curricular da extensão nos cursos de graduação que, conforme estabelecido pela Resolução CES/CNE nº 7/2018, instituiu as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira. A partir da contextualização das contribuições de Paulo Freire, o artigo tem como objetivo refletir sobre as possibilidades formativas da leitura crítica do livro *Extensão ou Comunicação?*, como um ponto de partida para fomentar as conexões entre pesquisa, extensão e pós-graduação. A problematização do texto clássico do educador evidencia a necessidade de reinventar e atualizar a dialogicidade como uma abertura para repensar os desafios atuais da justiça epistêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão, Pós-Graduação, Paulo Freire, Justiça epistêmica.

ABSTRACT: This essay proposes a reflection on the course “*Special Topics in Methodology: Extension, Research, and Graduate Studies*”, offered in the graduate programs in Scientific and Cultural Communication and Interdisciplinary Studies in Applied Humanities and Social Sciences, both at the University of Campinas (Unicamp). The creation of this course, which has already had three editions, results from efforts to foster extension-related actions and reflections in graduate education, in the context of the mandatory

curricular inclusion of extension activities in undergraduate programs, as established by CES/CNE Resolution No. 7/2018. Drawing on the contributions of Paulo Freire, the article seeks to reflect on the formative possibilities of a critical reading of the book *Extension or Communication?* as a starting point for strengthening the connections between research, extension, and graduate education. The problematization of the educator's classic text highlights the need to reinvent and update dialogicity as a path for rethinking the current challenges of epistemic justice.

KEYWORDS: Extension, Graduate Studies, Paulo Freire, Epistemic Justice.

Introdução

Este texto aborda a experiência da disciplina “Tópicos especiais em metodologia de pesquisa: Extensão, Pesquisa e Pós-graduação”, oferecida nos programas de pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (PPG-ICHSA) e Divulgação Científica e Cultural (PPG-DCC), ambos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A disciplina surgiu por dois principais motivos. Por um lado, minha atuação na extensão como estudante, docente e pesquisadora evidenciou que a participação de estudantes de pós-graduação tem grande relevância para a continuidade e o amadurecimento das ações extensionistas. Isso porque, estes/as estudantes, muitas vezes, acumulam experiências metodológica e de trabalho na gestão coletiva de programas e projetos da extensão universitária. Por outro lado, três fatores me animaram a indagar sobre os novos desafios epistêmicos apresentados à universidade: o oferecimento da disciplina “Fundamentos e metodologias de extensão” na graduação; a minha participação na inserção curricular da extensão no âmbito da graduação; e a minha vivência como docente na mudança do perfil de estudantes com a implementação das cotas étnico-raciais (2019), para Pessoas Com Deficiência (2025) e pessoas trans (aprovada em 2025, ainda em implementação) na Unicamp.

Ainda como estudante de pós-graduação e extensionista na Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/Unicamp), na participação em um grupo de estudos para refletir sobre as nossas pesquisas, suas implicações e possibilidade a partir da prática extensionista, me entendi como Pesquisadora-Extensionista, isto é, uma pesquisadora que realiza de maneira indissociável pesquisa e extensão. Essa experiência possibilitou não apenas ler textos clássicos sobre Pesquisa-Ação, Pesquisa Participante e Investigação Ação Participativa (IAP), como também conhecer outras pesquisas entrelaçadas com a extensão e, principalmente, discutir e reformular nossas próprias pesquisas. As inspirações

e dilemas brevemente listados foram essenciais para a criação da disciplina que, mais do que a socialização de métodos e teorias extensionistas, têm sido um espaço de pensar junto, docente e estudantes, a partir da pergunta: o que pode a extensão e a pesquisa na pós-graduação?

A disciplina, até o momento, já contou com três oferecimentos entre 2022 e 2024 e dela participaram cerca de 40 estudantes de diversos cursos de pós-graduação. A ementa, transcrita a seguir, lista os temas propostos a serem abordados ao longo do semestre: “Relações entre universidade e sociedade; Fundamentos e metodologias de extensão universitária; Integração entre extensão e ensino de pós-graduação; Aproximações entre extensão e pesquisa; Educação Popular; Pesquisa-Ação; Investigação Ação Participativa (IAP); Extensão e/ou Comunicação?; Extensão, raça, racismo e branquitude”. A cada oferecimento a ementa é tida como um ponto de partida e o desenvolvimento da disciplina é construído a partir do diálogo com estudantes e seus projetos de pesquisa. Nesse sentido, a estratégia metodológica proposta buscou construir a cada semestre o que a pensadora e professora bell hooks¹ chama de comunidades abertas de aprendizado (hooks, 2017).

Em um primeiro momento, cada estudante é convidado/a/e a apresentar brevemente sua trajetória acadêmica e o seu projeto de pesquisa. A partir dessa apresentação, proponho que estabeleçam conexões entre suas pesquisas e a extensão. Nesse esforço inicial, reiteradamente, emerge o desconhecimento de parte da turma sobre o tema e, mais do que isso, a falta de imaginação sobre o que poderia ser essa relação entre pesquisa e extensão. Algumas pessoas, neste momento, rememoram atividades extensionistas que realizaram na graduação, mas que não tiveram continuidade na pós-graduação. Outras contam que seus projetos de pesquisa nasceram da prática extensionista e, por isso, buscaram a disciplina.

Com intuito de ter uma base comum sobre o tema, após esse momento inicial de vínculo e explicitação coletiva daquilo que a turma não sabe e gostaria de saber, a disciplina segue para um conjunto de leituras e debates clássicos sobre extensão e pesquisa-ação. No segundo momento da disciplina, são apresentadas as complexidades do desenrolar histórico da extensão no país e na América Latina e, para evitar a ideia de evolução e linearidade, são apresentadas as reviravoltas da extensão no decorrer dos anos, tão características do realismo fantástico

1 Em homenagem a sua bisavó Bell Blair Hooks, Gloria Watkins assina seus livros como bell hooks, com letras minúsculas, dando destaque para a obra. Ela chama bell hooks de sua voz de escritora.

latino-americano; os períodos da extensão apaziguada nos governos autoritários; as conquistas e experiências nos momentos democráticos com protagonismo estudantil; a ação do Estado, com estabelecimento de diferentes leis, regulamentações e políticas públicas e as diferentes concepções de extensão ao longo de mais de cem anos de história da extensão no país (Fraga, 2012)².

Logo após a contextualização histórica, seguimos para o terceiro momento, no qual é realizada a leitura crítica do livro clássico do Paulo Freire: *Extensão ou comunicação?* (1988). Esse livro tem sido usado largamente no debate sobre a extensão universitária, ainda que, muitas vezes, de maneira superficial. Fundado em um debate sobre Epistemologia e Filosofia da Ciência, há muitas camadas possíveis de compreensão a partir da sua contextualização histórica e teórica.

Por fim, a disciplina segue para o quarto momento no qual é construído coletivamente o cronograma de leituras, práticas e aprofundamentos a serem realizados. A partir das reflexões sobre o texto clássico de Paulo Freire, a disciplina tem seguido por três caminhos principais: a) reflexão sobre epistemologias disidentes; b) realização de práticas extensionistas e ida aos territórios e comunidades que a universidade já realiza ações de extensão; c) aprofundamento sobre metodologias de pesquisas coletivas e participativas e; d) discussão de teses e dissertações com metodologias coletivas, participativas e/ou conectadas com a extensão (de estudantes matriculados/as/es na disciplina ou teses e dissertações já defendidas).

Em síntese, a disciplina está estruturada nos seguintes momentos: i) apresentação e levantamento de experiências e conhecimentos coletivos sobre extensão; ii) apresentação de leituras e debates clássicos sobre extensão e pesquisa-ação; iii) leitura crítica do texto *Extensão ou comunicação?* e; iv) cronograma de práticas extensionistas, debates e leituras de aprofundamento construídos coletivamente pela turma.

Essa breve apresentação da disciplina tem como intuito contextualizar a estruturação deste texto-partilha, que tem como foco o terceiro momento da disciplina. Assim, o objetivo deste artigo é refletir sobre as possibilidades formativas da leitura crítica do livro *Extensão ou Comunicação?* de Paulo Freire, como um ponto de partida para fomentar as conexões entre pesquisa, extensão e pós-graduação.

O texto está estruturado a partir da apresentação, contextualização e discussão do clássico livro de Paulo Freire *Extensão ou comunicação?* para, posteriormente,

2 O histórico das experiências e as concepções de extensão foram amplamente discutidas na literatura e não são objetos deste ensaio. Para saber mais, consulte: Nogueira (2000); Sousa (2000); Jezine, (2006); Forproex (2012); Fraga (2012; 2017; 2024).

propor uma leitura a partir de críticas trazidas por estudantes em sala de aula, por bell hooks, especialmente no seu texto “Paulo Freire”, parte do livro *Ensinando a transgredir* de 1994, e por outras contribuições como Vasconcelos (2020; 2022; 2023), Ramallo (2019) e Auler (2021). Nas considerações finais do ensaio, são apresentadas breves reflexões sobre a busca pela inserção curricular da extensão na pós-graduação e sobre as possibilidades da leitura crítica de Paulo Freire como uma abertura para repensar os desafios atuais da justiça epistêmica.

Paulo Freire e sua clássica pergunta retórica: Extensão ou comunicação?

Na obra *Extensão ou Comunicação?* há, como pano de fundo, uma ideia central que é o reconhecimento dos limites do conhecimento científico e a ideia de que a ciência pode ser problematizada e compreendida dentro de seus condicionamentos históricos, sociais, geográficos etc. É dessa chave que parte a leitura crítica da obra. Nesta seção são apresentados os principais pontos de debate do texto, a partir dos diversos oferecimentos da disciplina e da literatura. Ao colocar em destaque o conflito epistemológico descrito por Freire, convidamos estudantes para refletir sobre a maneira como esse conflito se apresenta hoje e quais seriam as possibilidades da extensão diante de uma análise do papel da universidade na sociedade. Isso porque o texto é bastante marcado pelo seu tempo histórico e pelos desafios que o autor percebia como professor universitário e coordenador do Serviço de Extensão Cultural (SEC) na Universidade de Recife,³ como educador popular e, posteriormente, atuando com técnicos agrícolas durante o exílio no Chile.

Paulo Freire escreveu *Extensão ou Comunicação?* no Chile e o publicou pelo *Instituto de Capacitación y Investigación en Reforma Agrária*, em 1969.⁴ O prefácio de Jacques Chonchol, então vice-presidente do Instituto de Desenvolvimento Agrário (INDAP) no governo de Eduardo Frei Montalva e, posteriormente, Ministro da Reforma Agrária no governo de Salvador Allende, é uma importante pista para compreender o contexto no qual o texto foi produzido. Chonchol é quem possibilita a atuação de Freire em campanhas de alfabetização de adultos e o diálogo com agrônomos que atuavam no processo de reforma agrária no país e com os quais

3 Atualmente Universidade Federal de Pernambuco.

4 Neste ensaio utilizamos a 10ª edição do livro, publicado em 1988 pela editora Paz e Terra.

Freire dialoga diretamente no livro. Chonchol, em seu prefácio, aponta o cerne da questão enfrentada por Freire:

É fundamental sua análise da relação entre técnica, modernização e humanismo, onde mostra como evitar o tradicionalismo do status quo sem cair no messianismo tecnológico. De onde afirma, com justa razão, que embora “todo desenvolvimento seja modernização, nem toda modernização é desenvolvimento”. (Chonchol, 1988, p.13)

Chonchol e Freire, abordam abertamente uma crítica ao processo de modernização e Freire, especificamente, se ocupa de maneira pormenorizada em desvelar o papel de dominação que o conhecimento científico exerce nesse processo. Os anos 1960 são conhecidos como um período de profundo questionamento de uma visão ingênua, eufórica e salvacionista da ciência e da tecnologia, explicitada candidamente no relatório “Ciência: a fronteira sem fim”⁵ no período pós-guerra. Ainda que não seja objetivo deste texto aprofundar os debates em torno das relações entre ciência, tecnologia e sociedade, uma breve digressão sobre o tema possibilita aprofundar a contextualização do texto clássico de Paulo Freire.

Eric Hobsbawm (1995) descreve o século XX como um século paradoxal no qual a ciência, por um lado, penetrou o cotidiano de grande parte da população, por meio do vínculo entre ciência e sua aplicação, a tecnologia e, por outro, gerou profundo desconforto e desconfiança. A moderna teoria científica e a moderna tecnologia convivem “com um fulgor, ao fundo, de desconfiança e medo, de vez em quando explodindo em chamas de ódio e rejeição da razão e de todos os seus produtos” (Hobsbawm, 1995, p. 406). A ideia de benefício infinito de um desenvolvimento científico linear e inexorável é largamente contestada por perspectivas feministas, antirracistas, pacifistas, ambientais etc. O século XX se inicia com um maravilhamento da mudança acelerada de tarefas cotidianas na agricultura, na comunicação, no transporte, na geração de energia, e termina com a ciência e a tecnologia no banco dos réus. A contribuição de Paulo Freire não pode ser compreendida fora deste contexto. O educador, já no exílio, critica a modernização integradora proposta pelo governo ditatorial brasileiro com clareza em relação aos limites do messianismo tecnológico.

Já conhecido pela exitosa experiência de alfabetização de adultos em Angicos-RN e pelo nunca executado Plano Nacional de Alfabetização, que tinha o potencial

5 Originalmente Science: the endless frontier (1945), o relatório foi encomendado pelo então presidente dos EUA ao diretor do Escritório de Pesquisa e Desenvolvimento Científico dos EUA, Vannevar Bush. Nele Bush advoga pelo financiamento público da ciência no momento do pós-guerra diante dos seus grandiosos benefícios para a sociedade.

de mudar o cenário eleitoral no país,⁶ Paulo Freire afirma que se politizou no exílio (Freire e Guimarães, 2010). *Extensão ou comunicação* foi escrito neste período, durante o trabalho com agrônomos extensionistas rurais no Chile. A atuação de agrônomos, neste período, consistia majoritariamente no fortalecimento e propagação dos preceitos da Revolução Verde na qual a moderna ciência e a moderna tecnologia são tidas como alicerce para superar a agricultura considerada arcaica e atrasada. A extensão com a qual dialogava, nesse contexto, tem esse tom: a substituição de formas tradicionais de produção agrícola pelas modernas tecnologias da Revolução Verde. É nesse sentido que o agrônomo estende seus conhecimentos aos camponeses e essa extensão é vista como uma forma de dominação que tem o conhecimento científico em seu cerne. Freire (1988) denominou esse processo de invasão cultural.

Paulo Freire se indigna que, mesmo em um processo de Reforma Agrária como o que se passava no Chile, os agrônomos não se dessem conta de seu papel de correia de transmissão da perspectiva da modernização homogeneizadora que desconsiderava as culturas populares e os camponeses como sujeitos de sua própria história.⁷ A essa indignação, Paulo Freire dá o nome de erro gnosiológico da extensão.

O erro gnosiológico da extensão consiste na ideia de que o papel do extensionista seria substituir o conhecimento dos camponeses pelos conhecimentos dos extensionistas, substituindo, especialmente, suas formas de lidar com a natureza e formas empíricas de tratar a terra. Nas palavras de Freire “a substituição do procedimento empírico dos camponeses por nossas técnicas ‘elaboradas’ é um problema antropológico, epistemológico e também estrutural. Não pode, por isso mesmo, ser resolvido através do equívoco gnosiológico a que conduz o conceito de ‘extensão’” (Freire, 1988, p. 20).

Por isso, Freire nos lembra que o termo extensão se encontra em relação significativa com transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, superioridade (do conteúdo de quem entrega), inferioridade (dos que recebem), invasão cultural, etc. A invasão cultural, segundo o educador, se dá “através do conteúdo levado, que reflete a visão do mundo daqueles que levam, que se superpõe à

6 O país tinha cerca de 20 milhões de pessoas analfabetas em 1964. Na eleição de Jânio Quadros, o colégio eleitoral era um pouco mais de 11,6 milhões de pessoas. Na época, para votar era necessário, ao menos, saber escrever o próprio nome. A atuação de Paulo Freire e de sua equipe culminou no Plano Nacional de Alfabetização (PNA) que pretendia alfabetizar 5 milhões de pessoas, sendo quase 2 milhões ainda em 1964 (Freire, 2006). Embora Paulo Freire afirmasse que o plano tinha objetivos mais amplos do que produzir eleitores, era notável o risco de desestabilização da política hegemônica com o aumento de quase 50% do número de eleitores no país.

7 Vasconcelos (2020) contextualiza e aprofunda essas disputas dentro do embate entre diferentes correntes políticas no Chile.

daqueles que passivamente recebem” (Freire, 1988, p. 13). E completa “não nos é possível ignorar a conotação ostensiva da invasão cultural que há no termo extensão” (Freire, 1983, p. 28) ainda mais se considerarmos, nas palavras do autor, os condicionamentos histórico-sociológicos do conhecimento. Por isso,

todos esses termos envolvem ações que, transformando o homem em quase 'coisa', o negam como um ser de transformação do mundo. Além de negar [...] a formação e constituição do conhecimento autêntico. Além de negar a ação e a reflexão verdadeiras àqueles que são objetos de tais ações. [...] Desta análise depreende, claramente, que o conceito de extensão não corresponde a um que-fazer educativo libertador. (Freire, 1988, p. 13)

Paulo Freire nega de maneira contundente a ideia de transferência de conhecimento e classifica esse processo como invasão cultural. De maneira ainda mais explícita, qualifica a ação de um extensionista que transfere conhecimento como uma ação que nega o outro como “ser de transformação do mundo”, isto é, parte da ideia do “objeto” da transferência de conhecimento como alguém incapaz de transformar sua própria realidade. Freire (1983) argumenta que “a 'educação como prática da liberdade' não é a transferência ou a transmissão do saber nem da cultura; não é a extensão de conhecimentos técnicos; não é o ato de depositar informes ou fatos nos educandos; não é a perpetuação dos valores de uma cultura dada” (Freire, 1988, p. 53).

Como caminho alternativo, sem negar a ciência e a tecnologia, mas reconhecendo seus limites e a violência que tem sido perpetrada em seu nome, Freire propõe o diálogo entre os diferentes conhecimentos. Considero que esta é a justificativa do diálogo do autor, nesse texto, com os conceitos e perspectivas da Epistemologia e da Filosofia da Ciência. E esta talvez seja a contribuição central do texto: ao propor um diálogo entre diferentes conhecimentos, Paulo Freire afirma que, além da ciência, há outros conhecimentos válidos, legítimos e necessários.

Desenvolve, dessa maneira, a ideia de dialogicidade como uma teoria da ação que, de modo alternativo à imposição do conhecimento científico e tecnológico, é oposta à dominação via conhecimento, ideia a partir da qual a extensão se fundamentava na época (Fraga, 2017). Dialogicidade, portanto, não se limita ao reconhecimento do outro como sujeito, mas centralmente, no reconhecimento do outro como sujeito da produção de conhecimento e deste conhecimento como parte necessária, ao lado da ciência, para compreender e transformar a realidade.

O educador nos lembra que quer saibamos ou não, nossa ação envolve sempre uma teoria. E se a ação de estender se baseia em uma teoria antidialógica,

portanto autoritária e violenta, ela expressa uma “inegável descrença no homem simples” (Freire, 1988). Quando não agem a partir da dialogicidade, os agrônomos (e os extensionistas de maneira geral) relativizam sua ignorância e absolutizam a ignorância do outro. É da crítica a essa ideia que emerge a clássica citação: “Ninguém sabe tudo, assim como ninguém ignora tudo. O saber começa com a consciência do saber pouco [...]. Pois é sabendo que se sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais” (Freire, 1988, 31). Adicionalmente, afirma que

O que se pretende com o diálogo em qualquer hipótese (seja em torno do conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento experimental) é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível relação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la (Freire, 1988, p. 34).

Como saída, Freire adota a palavra educador em detrimento da palavra extensionista e compreende o agrônomo educador como um profissional que media processos de diálogo entre diferentes conhecimentos, saberes e culturas, busca soluções para os problemas que os camponeses enfrentam e está a serviço desses camponeses. Nessa perspectiva, se conecta com temas bastante atuais da justiça epistêmica, do diálogo intercultural e da ideia de existência de diferentes modos de conhecimentos atrelados a diferentes modos de vida. Se a extensão é a interação dialógica da universidade com outros setores da sociedade, a ciência e a tecnologia precisam ser compreendidas, também, a partir de seus limites e das potencialidades de outros modos de conhecimento para o enfrentamento de problemas contemporâneos complexos.

Leitura crítica de Paulo Freire como exercício coletivo

No campo da extensão universitária, muitas vezes, nos deparamos com uma leitura superficial e um tanto messiânica de Paulo Freire, o que justifica a leitura crítica do livro *Extensão ou comunicação?* como exercício formativo em sala de aula. Na disciplina, a turma é convidada a elaborar críticas ao texto e refletir sobre os limites da contribuição de Paulo Freire na atualidade. Uma das críticas mais frequentes é a ideia de superação do pensamento mágico, ingênuo e pré-científico dos camponeses, explicitado no trecho a seguir:

Pois bem, quanto mais observamos as formas de comportar-se e de pensar de nossos camponeses mais parece que podemos concluir que, em certas áreas (em maior ou menor grau) eles se encontram de tal forma próximos ao mundo natural, que se sentem mais como parte dêle, do que como seus transformadores. Entre eles e seu mundo natural (e também, e necessariamente, cultural) há um forte “cordão umbilical”, que os liga. Esta proximidade na qual se confundem com o mundo natural lhes dificulta a operação de “admirá-lo”, na medida em que a proximidade não lhes permite ver o “admirado” em perspectiva. A captação dos nexos que prendem um fato a outro, não podendo dar-se de forma verdadeira, embora objetiva, provoca uma compreensão também não verdadeira dos fatos, que, por sua vez, está associada à ação mágica. [...] O que não se pode negar é que, seja no domínio da pura “doxa”, seja no domínio do pensar mágico, estamos em face de formas ingênuas de captação da realidade objetiva; estamos em face de formas desarmadas de conhecimento pré-científico. (Freire, 1988, p.32)

Mesmo partindo de uma perspectiva dialógica que considera o “homem simples” como portador de conhecimento, o educador mostra paradoxalmente certo menosprezo por outros modos de conhecer e de viver, especialmente, aqueles que colocam em xeque a racionalidade científica. Esse trecho desperta também a crítica à perspectiva humanista cristã de Paulo Freire que parte de uma explícita divisão entre natureza e cultura e da ideia de um humano excepcional diante de outras formas de vida.

Outra crítica frequente é a linguagem sexista de Paulo Freire que no livro se apresenta particularmente pelo uso de “o homem”, “o homem comum” etc. Essa crítica não é nova e foi respondida pelo próprio educador em *Pedagogia da esperança*, mas ainda assim, merece destaque e reconhecimento em sala de aula. Freire argumentou da seguinte maneira sobre o tema:

Falar um pouco da linguagem, do gosto das metáforas, da marca machista com que escrevi a *Pedagogia do oprimido* e, antes dela, *Educação como prática da liberdade*, me parece não só importante, mas necessário. Começarei exatamente pela linguagem machista que marca todo o livro e de minha dívida a um sem-número de mulheres norte-americanas que, de diferentes partes dos Estados Unidos, me escreveu, entre fins de 1970 e começos de 1971, alguns meses depois que saiu a primeira edição do livro em Nova York. Era como se elas tivessem combinado a remessa de suas cartas críticas que me foram chegando às mãos em Genebra durante dois a três meses, quase sem interrupção. De modo geral, comentando o livro, o que lhes parecia positivo nele e a contribuição que lhes trazia à sua luta, falavam, invariavelmente, do que consideravam em mim uma grande contradição. É que, diziam elas, com suas palavras, discutindo a opres-

são, a libertação, criticando, com justa indignação, as estruturas opressoras, eu usava, porém, uma linguagem machista, portanto discriminatória, em que não havia lugar para as mulheres. Quase todas as que me escreveram citavam um trecho ou outro do livro, como o que agora, como exemplo, escolho eu mesmo: “Desta forma, aprofundando a tomada de consciência da situação, os homens se ‘apropriam’ dela como realidade histórica, por isso mesmo, capaz de ser transformada por eles. E me perguntavam: “Por que não, também, as mulheres?” [...] Neste sentido é que explicitiei no começo destes comentários o meu débito àquelas mulheres [...] por me terem feito ver o quanto a linguagem tem de ideologia. Escrevi então a todas, uma a uma, acusando suas cartas e agradecendo a excelente ajuda que me haviam dado. Daquela data até hoje me refiro sempre a mulher e homem ou seres humanos. Prefiro, às vezes, enfeiar a frase explicitando, contudo, minha recusa à linguagem machista (Freire, 2013, p. 65-66).

Outro tema levantado sobre o texto é o silêncio sobre questões relacionadas à raça, etnia e colonialismo. Nessa perspectiva, a crítica elaborada por bell hooks à obra de Paulo Freire pode ser considerada inaugural. A autora nasceu nos EUA da década de 1950, período em que a segregação racial era legalmente regida pelas Leis Jim Crow. bell hooks narra sua experiência nas escolas frequentadas somente por pessoas negras e, posteriormente, já na juventude, o processo de dessegregação das escolas, o que significou a ida para a escola dos brancos. Já na Universidade de Stanford, a autora relata movimento semelhante, no convívio com as professoras brancas nos Programas de Estudos da Mulher.

A autora estadunidense é referência em todo o mundo na produção de teoria para práxis de mulheres organizadas coletivamente. Entre sua vasta produção sobre diversos temas, bell hooks escreveu uma trilogia sobre educação: *Ensinando a transgredir* (1994), *Ensinando comunidade* (2003) e *Ensinando pensamento crítico* (2010). Suas reflexões partem de uma experiência de mais de 30 anos como educadora dentro e fora da universidade.

Assim como muitas outras mulheres feministas desta época, bell hooks tem uma escrita confessional que parte de suas experiências como estudante e como professora e elabora como essas experiências moldam suas reflexões sobre o processo educativo. Sua experiência dentro e fora da universidade, especialmente a escolha de realizar parte importante das suas atividades em diálogo com aqueles/as que estão fora da universidade, nos permite acessar um repertório teórico, metodológico, prático e reflexivo sobre suas experimentações pedagógicas.

O encontro entre Paulo Freire e bell hooks⁸ é narrado por ela em seu livro *Ensinando a transgredir*: a educação como prática da liberdade, de 1994. Nele, há um capítulo intitulado “Paulo Freire”, no qual a autora faz um diálogo lúdico entre Gloria Watkins (seu nome) e bell hooks, sua voz escritora. Para além deste texto, Paulo Freire está bastante presente como inspiração e referência da ideia de educação para a liberdade, na perspectiva da educação dialógica e crítica e na proposta das comunidades de aprendizagem. A autora nos lembra que a educação pode ser uma aliada no processo de romper opressões, mas que é preciso ir além das opressões de classe e incluir as opressões raciais e de gênero.

Talvez bell hooks tenha sido uma das tantas mulheres a enviar cartas para Paulo Freire criticando seu sexismo. Isso porque, ainda que profunda admiradora do educador, bell hooks coloca em primeiro plano as relações raciais e de gênero, como um tema que concretamente mudou sua experiência de ensino e aprendizagem. Se Paulo Freire centrou suas críticas à educação em relação à luta de classes e à conscientização do “Homem comum”, bell hooks vai além ao incluir as dimensões de raça e gênero. Essa inclusão, no entanto, não é apenas na crítica sobre a linguagem, uma vez que ao partir das relações de gênero e de raça, reformula sua prática pedagógica.

Além desses apontamentos frequentemente apontados por estudantes, há outras críticas possíveis a essa e outras obras de Paulo Freire. Joana Salém Vasconcelos (2020, 2021, 2022), em diálogo principalmente com a obra *Pedagogia do Oprimido* e com o período do educador no Chile, oferece uma ampla e consistente leitura sobre as críticas recebidas por Paulo Freire e também sobre a atualidade da perspectiva freiriana. Ela aponta que Freire era marxista e cristão e que “Estes dois campos de pertencimento, o cristianismo e o marxismo, já o colocam numa encruzilhada de polêmicas entre a perspectiva materialista e a espiritualidade” (Vasconcelos, 2023, p. 10). A historiadora narra também o diálogo amoroso e divergente entre Freire e Ivan Illich defensor da desescolarização. Francisco Ramallo, por outro lado, faz uma excelente revisão das críticas já elaboradas ao pensamento de Paulo Freire e ainda nos convida a pensar *Paulo Freire con glitter y pañuelo verde*⁹ (Ramallo, 2019). Décio Auler (2021), por sua vez, aborda a incompletude da obra de Freire e a necessidade de ampliação da categoria diálogo a partir das relações entre ciência, tecnologia e sociedade (CTS).

8 Débora Mazza (2024) narra os encontros entre Paulo Freire e bell hooks incluindo o encontro das trajetórias intelectuais e de vida.

9 Referência ao lenço verde, símbolo da luta feminista.

Essas e outras críticas partem da atualidade e relevância da perspectiva freiriana, mas reconhecem seus limites e condicionantes históricos. É nesse sentido que a leitura crítica de *Extensão ou Comunicação?* abre a possibilidade de novas leituras de Paulo Freire, da extensão, da pesquisa e do ensino de pós-graduação. Trata-se, enfim, da urgente tarefa de refletir sobre como a produção de conhecimento, a formação de pessoas e a interação dialógica com outros setores da sociedade ainda hoje são atravessadas por um paradigma classista, branco e patriarcal de libertação. Especialmente na extensão, esses temas têm sido pouco explorados desde o ponto de vista teórico-metodológico. Por outro lado, são muitas as práticas extensionistas nessa perspectiva, muitas vezes não sistematizadas.¹⁰

A leitura crítica de *Extensão ou comunicação?* tem sido uma maneira de construir junto com estudantes a reflexão sobre desafios epistêmicos que emergem de suas experiências e práticas extensionistas. O movimento de colocar a justiça epistêmica em primeiro plano se alinha a diversos textos, escritos nos últimos dez anos, que incorporam Paulo Freire de maneira crítica, reivindicando um olhar para “as dimensões afetivas e subjetivas dos educandos” (Santos *et al.*, 2024, p. 6), “a pedagogia anticolonialista, crítica e feminista, trazendo em suas reflexões o tema do cuidado, do amor, do prazer e da esperança” (Soares; Costa, 2019, p. 140) e também por restaurar uma pedagogia que não seja apenas intelectual, mas também corporal, espiritual e afetiva, desestabilizando o sujeito pedagógico (Ramallo, 2019).

Algumas considerações

Este ensaio exploratório teve o intuito de partilhar a experiência de uma disciplina sobre extensão na pós-graduação e explorar as possibilidades formativas da leitura crítica de *Extensão ou comunicação?* nesse contexto. O esforço reflexivo proposto neste ensaio é resultado do encontro da leitura crítica de Paulo Freire com o desejo de compreender os atuais desafios epistêmicos decorrentes de problemas complexos contemporâneos.

Inicialmente foi apresentada a disciplina tendo o cuidado de compartilhar ementa, metodologia, estrutura, cronograma básico, além de algumas leituras utilizadas, com o objetivo de potencializar, multiplicar e inspirar experiências extensionistas no ensino de pós-graduação e na pesquisa. O esforço é relevante,

10 Ana Clara Melo (2024) aborda esse descompasso entre as práticas de extensão e as ações institucionais e contribuições teóricas na relação entre extensão, raça, racismo e branquitude.

considerando os dados trazidos por estudo realizado pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (Forproex) com 160 instituições acadêmicas no país que abrigam 5.469 programas de pós-graduação *stricto sensu*.

O levantamento revelou que 61,1% dos programas de pós-graduação incentivam ativamente a participação dos seus alunos em iniciativas de extensão. Isso demonstra que uma parcela significativa das instituições de ensino superior reconhece a importância de promover a integração entre pesquisa, ensino e extensão, criando um ambiente propício para a atuação dos estudantes de pós-graduação em ações que beneficiem a sociedade (Eterno da Silveira e Amancia Ferreira, 2024, p. 16).

O texto une discussões teóricas com experimentações pedagógicas, com intuito de partilhar aprendizados e fomentar o aprendizado coletivo característico da extensão. Ainda assim, é importante apontar os limites das reflexões apresentadas.

Primeiramente, é evidente que não parece correto exigir de um texto de 1969 o tratamento de temas que hoje julgamos importantes (embora alguns desses temas já estivessem em pauta pelo menos desde a década de 1960 em todo mundo). Não se trata de negar as contribuições de Freire, mas de reinventar suas contribuições tendo em mente os atuais desafios da extensão. Uma segunda ressalva importante é o fato de estarmos tratando apenas de uma das muitas obras de Paulo Freire e que, portanto, seria inadequado expandir essas reflexões para todo o sistema de pensamento do autor. Ainda sim, a leitura aprofundada das obras de Freire, partindo de uma análise de conjuntura e, especialmente, da atualização dos conflitos epistêmicos emergentes na atualidade, possibilitam o diálogo com autores e autoras atuais nesse caminho reflexivo. Especialmente, é preciso ter em mente a emergência de novas perspectivas trazidas por movimentos sociais, mas também pela mudança evidente nas instituições de ensino superior no país com a implementação das diversas formas de ações afirmativas.

O que se sugere neste ensaio é que, ler hoje *Extensão ou Comunicação?* sem considerar essas novas perspectivas é bastante limitante. Mais do que isso, pensar a extensão, a dialogicidade e seus desafios epistêmicos na atualidade ignorando que os conflitos foram alargados e complexificados por diversas contribuições da literatura feminista, indígena, negra, LGBTQIA+ etc, é, em alguma medida, perpetuar essas violências e ignorar novos, pertinentes e relevantes desafios que

as instituições de ensino superior deveriam se ocupar caso queiram contribuir para compreender e transformar a realidade (Fraga, 2024).

A pós-graduação, nessa perspectiva, é um *locus* privilegiado para revisitar, revitalizar, criticar e atualizar as reflexões extensionistas acumuladas ao longo da história, inclusive as contribuições de Paulo Freire. Correr o risco da aventura dialógica, como sugere Paulo Freire, aponta para a necessidade de atualizar a indignação e compreender os novos contornos das injustiças nos dias de hoje e os desafios epistêmicos que emergem dessa indignação. A extensão possibilita a busca de saídas via práxis, isto é, no encontro entre teoria e prática. E se na extensão, muitas vezes, falta tempo para sistematizar e refletir sobre as práticas, qual seria o melhor lugar para priorizar essa tarefa do que a pesquisa e o ensino de pós-graduação? A sugestão é, portanto, que a pós-graduação seja o encontro da prática extensionista com a reflexão sistemática sobre a prática. Este é o principal aprendizado com a nascente iniciativa de inserção curricular da extensão no ensino de pós-graduação. É nessa experiência pedagógica que, junto com estudantes, tem sido possível explicitar e refletir sobre os novos desafios da justiça epistêmica.

REFERÊNCIAS

AULER, Décio. Freire, Fermento Entre os Oprimidos: continua sendo?. Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, v. 21, p. 1-30, 19 set. 2021.

<http://dx.doi.org/10.28976/1984-2686rbpec2021u801830>.

ETERNO DA SILVEIRA, H.; AMANCIA FERREIRA, O. Extensão na pós-graduação: avanços necessários para o desenvolvimento da pesquisa científica no Brasil. Em Extensão, Uberlândia-MG, v.23, n. 1, 2024.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FOR-PROEX). Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus: Imprensa Universitária 2012.

FRAGA, Lais S. Extensão e Transferência de Conhecimento: as incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. 2012. 242 f. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

FRAGA, Lais S. Transferência de conhecimento e suas armadilhas na extensão universitária brasileira. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, Campinas, v. 22, n. 2, p. 403-419, 2017.

FRAGA, Lais S. Extensão Universitária e Educação Popular. Revista da Faeeba: Educação e Contemporaneidade, v. 33, n. 76, p. 156-173, 13 dez. 2024.

FREIRE, Ana Maria Araújo. *Paulo Freire: uma história de vida*. Indaiatuba: Villa Das Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Editora Siglo XXI, 1992.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. *Aprendendo com a própria história*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Trad. Ana Luiza Libânio. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

JEZINE, E. M. *A crise da universidade e o compromisso social da extensão universitária*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2006.

MAZZA, Débora. Paulo Freire e bell hooks: um encontro nos Estados Unidos. Pro-Posições, Campinas, v. 35, p. 01-26, 2024.

<http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2023-0043br>.

MELO, Ana Clara Andrade. Extensão e branquitude: uma análise de documentos para a extensão da Universidade de Brasília entre 2000 e 2020. 2024. 127 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024.

<https://doi.org/10.47749/TJUNICAMP.2024.1396497>.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (org.). *Políticas de Extensão Universitária Brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

RAMALLO, Francisco. Paulo Freire con glitter y pañuelo verde: notas cuir para educadores. Série-Estudos: Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, Campo Grande, v. 24, n. 52, p. 101-122, 2019.

<http://dx.doi.org/10.20435/serie-estudos.v20i52.1336>.

VASCONCELOS, Joana Salém. "O lápis é mais pesado que a enxada": reforma agrária no Chile e pedagogias camponesas para transformação econômica (1955-1973). 2020. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

<http://dx.doi.org/10.11606/T.8.2020.tde-13042021-193600>.

VASCONCELOS, Joana Salém. Pedagogia do oprimido: documento da reforma agrária no Chile. Comunicação & Educação, v. 26, n. 2, p. 89-105, 2022.

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v26i2p89-105>.

VASCONCELLOS, Joana Salém; DIAS, Débora; TOULHOAT, Mélanie. A atualidade da praxis freireana, a dialética da crítica situada e os movimentos anti-Freire. Lusotopie, v. 2023, n. 1, p. 1-10, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4000/lusotopie.7035>.

SANTOS, Antonio N. S. dos; SOUZA, Luciano T. R.; FELIPPE, José N. de O.; BARCELLOS JUNIOR, Waldyr. Entre a libertação e o engajamento: a influência de Paulo Freire na pedagogia transformadora de bell hooks. Caderno Pedagógico, Curitiba, v. 21, n. 12, p. 01-30, 2024.

<http://dx.doi.org/10.54033/cadpedv21n12-075>.

SOARES, Maria H. S.; COSTA, Roberta L. D. Sobre a educação como prática da liberdade: lições e diálogos entre Paulo Freire e bell hooks. Kalagatos: Revista de Filosofia, Fortaleza, v. 16, n. 2, p. 129-145, 2019.

SOUSA, Ana L. L. (2000). *A história da extensão universitária*. Campinas-SP: Alinea Editora, 2000.

♦ VOL. 13, 2025, ISSN:2318-2326. PUBLICAÇÃO CONTÍNUA.

Todos os textos publicados na Interfaces – Revista de Extensão da UFMG são regidos por licença Creative Commons CC By.

A Interfaces convida pesquisadoras e pesquisadores envolvidos em pesquisas, projetos e ações extensionistas a submeterem artigos e relatos de experiência para os próximos números.

Os textos deverão ser enviados através do nosso endereço na web. No site estão disponíveis as normas para publicação e outras informações sobre o projeto. Vale ressaltar que os autores poderão acompanhar todo o processo de submissão do material enviado através desse site e que o recebimento de submissões possui fluxo contínuo.

www.ufmg.br/revistainterfaces

Contato: revistainterfaces@proex.ufmg.br

